

Tradução de “Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná” (1886), de Telêmaco Borba

Os índios caingangues na província brasileira do Paraná

Fernando de Sá Moreira*

Resumo

A presente tradução procura verter o português um texto atribuído ao Coronel Telêmaco Borba e publicado na Alemanha no ano de 1886. Trata-se, com efeito, de um dos primeiros registros da cultura caingangue no Paraná, redigido por Borba enquanto trabalhava como administrador de aldeamentos indígenas da região. Na verdade, o que aqui se apresenta é um tipo de retradução, visto que o texto foi originalmente redigido em português e publicado no Brasil no ano de 1883, antes de receber sua versão alemã. Contudo, as publicações do material de Borba - além das duas mencionadas há ainda outras duas de 1899 e 1908 - são sempre divergentes entre si. Entre uma e outra variante, é possível encontrar supressões, adições e mesmo informações aparentemente contraditórias. Nesse sentido, a tradução aqui disposta intenta não apenas verter o texto do alemão ao português, mas também identificar as principais modificações que ele sofreu ao longo de seus 25 anos de reformulações.

Palavras-chave: Etnografia indígena; Caingangue; aldeamentos indígenas.

Abstract

This work seeks to translate into Portuguese a text, which belongs to Colonel Telêmaco Borba, and was published in Germany in the year 1886. It is one of the earliest records of the Kaingang culture in the Brazilian province of Paraná. It was written by Borba while he worked as an administrator of indigenous villages in the region. In fact, what is presented here is a kind of re-translation, since the text was originally written in Portuguese and published in Brazil in the year 1883, before receiving its German version. However, the publications of Borba's material - there are still two extra versions of 1899 and 1908 - are always divergent among them. By comparing one variant and another, one can find deletions, additions, and even seemingly contradictory information. In this sense, this translation intends not only to translate the text from German

*Doutor em Filosofia pela PUC-PR. Professor do Instituto Federal do Paraná, campus Telêmaco Borba.
E-mail: fernando.moreira@ifpr.edu.br

into Portuguese, but also to identify the main changes it has undergone during its 25 years of reformulation.

Keywords: Indigenous Ethnography; Kaingang; Indigenous villages.

Apresentação

A presente tradução busca verter ao português um antigo artigo atribuído ao Coronel Telêmaco Borba. O artigo em questão foi publicado em língua alemã na “*Globus: Illustrirte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*” (“*Globus: Revista Ilustrada de Corografia e Etnologia*”, em livre tradução).¹ Como se esclarece logo no primeiro parágrafo do artigo, o texto não é completamente original, mas antes uma tradução de um material anteriormente publicado em português. No entanto, vale notar que o texto não é uma versão absolutamente fiel ao original: contém aqui e ali algumas supressões e adições.

Com efeito, há ao menos quatro variantes publicadas do texto de Borba, cada uma delas diferente das demais. A redação original do texto dataria a 1882,² com publicação em 1883, sob o título “Breve Notícia sobre os Índios Caingangs, acompanhada de um pequeno vocabulário da língua dos mesmos indígenas e da dos Cayguás e Chavantes” na *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil*.³ A segunda versão é precisamente aquela publicada na revista *Globus* em 1886, sob o título “*Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná*” (“Os índios caingangues na província brasileira do Paraná”), e configura-se como uma tradução quase fiel à primeira versão. Infelizmente, não logrei obter informações sobre o processo de tradução ou sobre o tradutor.

¹ BORBA, Telêmaco. Die Caingangs-Indianer in der brasilianischen Provinz Paraná. *Globus: Illustrirte Zeitschrift für Länder- und Völkerkunde*, vol. L, n. 15, 1886. pp. 233-236. Disponível em <http://biblio.etnolinguistica.org/borba_1886_caingangs> e também em <https://archive.org/stream/bub_gb_5Z3lAAAAMAAJ#page/n5/mode/2up>. Acesso em 09/01/2017.

² Em 1882, Borba escreveu o texto para compor a “Primeira Exposição Antropológica Brasileira” do Museu Nacional do Rio de Janeiro (cf. VANALI, Ana Crhistina. *O botocudo tibagyano: análise sobre os registros etnográficos de Telêmaco Borba*. Curitiba: SAMP, 2013, p. 66). Mais tarde, em 1904, o Museu Paulista também recebeu uma contribuição de Borba (cf. BORBA, Telêmaco. Observações sobre os indígenas do Estado do Paraná. *Revista do Museu Paulista*, vol. VI. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1904. pp. 53-62. Disponível em <http://biblio.etnolinguistica.org/borba_1904_observacoes>. Acesso em 09/01/2017).

³ BORBA, Telêmaco. Breve Notícia sobre os Índios Caingangs, acompanhada de um pequeno vocabulário da língua dos mesmos indígenas e da dos Cayguás e Chavantes. *Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brazil*, tomo II, 1883. pp. 2-36.

A terceira versão foi publicada em 1899 no livro *Chorographia do Paraná*, de Sebastião Paraná, sem título próprio.⁴ Embora o texto dê a entender que seria meramente uma republicação do artigo de 1883, o material possui inúmeras pequenas divergências em relação ao original, além de apresentar uma divisão em seções inédita nas publicações anteriores. A última versão foi publicada em 1908 no livro *Actualidade Indígena*, cujo propósito é organizar diversos materiais anteriormente publicados por Borba, sob o título “Breve notícia sobre os Índios Cainganges, que, conhecidos pela denominação de Coroados, habitam no território compreendido entre os rios Tibagy e Uruguay”.⁵

Ainda que o próprio autor lamente a impossibilidade de ter conduzido uma revisão dos textos antes da publicação de *Actualidade*, mesmo uma rápida comparação com as versões anteriores deixa-nos ver imediatamente que se trata da versão com mais modificações frente às demais. Na maior parte dos casos, as diferenças entre os textos limitam-se a opções de estilo, grafia e vocabulário. No entanto, há várias passagens nas quais essa máxima não é verdadeira, seja porque as versões têm partes suprimidas ou acrescentadas, seja porque suas descrições se contradizem abertamente.

Nesse contexto, a variante de *Globus* no permite entender melhor a história desse que é um dos mais antigos materiais etnográficos sobre os índios cainganges no Paraná. Além disso, sua tradução ao português contribui com a reapropriação da história regional dos Campos Gerais, pois disponibiliza àqueles que desconhecem a língua alemã ou não estão afeitos à ortografia, vocabulário e caracteres góticos do texto original.

As anotações de Telêmaco Borba inserem-se no contexto das políticas para os indígenas empreendidas pelo governo brasileiro e paranaense no correr do século XIX e primórdios do século XX. O propósito central dessas políticas é a catequização e civilização dos aborígenes brasileiros. Por civilização deve-se entender, sobretudo, o abandono dos costumes e tradições consideradas “selvagens” e a adoção do modo de vida dos “brancos”. Os indígenas deveriam servir a nação, na medida em que fossem incorporados por ela através de diversas estratégias: aldeamento, ensino da língua portuguesa, presentes, casamentos mestiços, catequese, submissão a um sistema

⁴ BORBA, Telêmaco. <Sem título>. In: PARANÁ, Sebastião. *Chorographia do Paraná*. Curitiba: Typ. da Livraria Economica, 1899. pp. 331-344.

⁵ BORBA, Telêmaco. *Actualidade Indígena*. Curitiba: Typ. e Lytog. a vapor Impressora Paranaense, 1908. Disponível em <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:borba-1908-actualidade>>. Acesso em 24/02/2016. Doravante mencionarei o texto de 1883 como *Sociedade*; o de 1886 como *Globus*; o de 1899 como *Chorographia*; e o de 1908 como *Actualidade*.

de justiça nacional, estímulo ao trabalho, agricultura, alterações de regime alimentar etc.

Em outras palavras, o propósito dos aldeamentos indígenas, alguns dos quais forma administrados pelo próprio Telêmaco Borba, era trabalhar com os índios para servir ao Estado, não aos índios.⁶ Tratava-se da busca da preservação do índio às custas de sua cultura. Entre outros, José Bonifácio, ainda na primeira metade do século XIX, expressa muito claramente esse projeto em passagens como:

Os índios são um rico tesouro para o Brasil se tivermos juízo e manha para aproveitá-los. Cumpre ganhar-lhes a vontade tratando-os com bom modo, e depois pouco a pouco inclinar sua vontade ao trabalho e instrução moral, fazendo-os ver que tal é o seu verdadeiro interesse, e que devem adotar nossos costumes, e sociedade. Eles aprenderão a nossa língua, e se mesclarão conosco por casamentos e comércio.⁷

O governo do Brasil tem a sagrada obrigação de instruir, emancipar, e fazer do índio e brasileiros uma só nação homogênea, e igualmente feliz.⁸

Telêmaco Borba acreditou que essa política de absorção dos indígenas pela nação é um caminho sem volta. Isso, a seus olhos, significava que a cultura aborígene teria seus dias contados. Embora os julgamentos morais e estéticos inseridos aqui ou ali em seus textos deem a entender que Borba é favorável ao abandono dos costumes e modos de vida indígenas, ele considerava também que era importante preservar o registro dessas culturas antes de seu desaparecimento. E foi isso que Borba logrou fazer, não claro sem limitações, incompletudes, preconceitos e interesses. A presente tradução resgata um desses registros.

Antes de passar ao texto em si, é o caso de ainda destacar que, tanto na tradução que se segue quanto na citação das variantes brasileiras do artigo, a ortografia foi atualizada, exceto no caso de nomes de pessoas, etnias, lugares e publicações; em alguns poucos casos a pontuação também foi ligeiramente alterada. Há diversas menções a termos indígenas, em especial em língua caingangue, todos foram grafados exatamente como se encontram na variante de *Globus*. Não obstante, vale observar que Borba empregou diversas formas de grafar esses termos nas diversas edições do texto. A presente tradução

⁶ Cf. VANALI, Ana Crhistina. *O botocudo tibagyano: análise sobre os registros etnográficos de Telêmaco Borba*. Curitiba: SAMP, 2013, p. 103.

⁷ SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Projetos para o Brasil*. Organização de Miriam Dolhnikoff. São Paulo: Companhia das Letras; Publifolha, 2000, p. 73.

⁸ *Ibid.*, p. 75.

conta com um grande número de notas de rodapé. A leitura do artigo em si, tal como se encontra em *Globus*, dispensa completamente a leitura das notas. Contudo, procurei esclarecer nas notas as principais e mais profundas divergências entre as variantes do texto, a fim de facilitar uma leitura mais contextualizada do material.

Por fim, agradeço aos pesquisadores Ana Crhistina Vanali e Alexander Stahlhoefer, assim como à Sociedade de Geografia de Lisboa o auxílio na localização das diversas variantes do artigo aqui traduzido.

Os índios cainganges na província brasileira do Paraná

Na “Revista” da *Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa*, no Brazil (Tomo II, 1883), Telêmaco Morocines Borba publica algumas notas interessantes sobre os índios cainganges, das quais retiramos o que se segue.⁹

Entre os diversos aborígenes que ainda hoje habitam a parte oeste e sul da província do Paraná, os cainganges assumem, sem dúvida, um lugar destacado; embora eles sejam menos selvagens do que os botocudos, até hoje não puderam se amigar com a civilização, apesar de que algumas tentativas com esse propósito já tenham sido executadas. Por muito tempo, exerceram enérgica resistência à penetração de homens civilizados nos territórios habitados por eles.

Eles se chamam cainganges, para o que não se pode fornecer uma explicação; se alguém lhes pergunta por que eles se denominam assim, eles respondem: “Por que vocês se denominam portugueses?” (os índios dessa província nomeiam todos os homens civilizados de portugueses; eles, por si só, enxergam a si mesmos como os verdadeiros brasileiros), e se alguém lhes explica o que significa português, eles insistem na resposta de que se chamam cainganges porque esse é mesmo o nome deles.

⁹Esse parágrafo inicial é obviamente exclusivo de *Globus*. *Sociedade* registra ainda o início de uma seção com a seguinte frase: “I. Os índios Caingangs conhecidos vulgarmente por Coroados e que habitam no território da província do Paraná”. *Chorographia* anuncia: “O Coronel Telêmaco Borba, homem competente, que tem convivido com nosso índios e estudado seus usos e costumes, conseguindo até falar perfeitamente o dialeto deles, publicou, em 1882, o seguinte artigo na Revista Paranaense, sob o título *Breve notícia sobre os índios Caingangs, conhecidos vulgarmente por Coroados e que habitam no território da Província do Paraná*”. *Actualidade*, por sua vez, emprega o título ligeiramente modificado “Breve notícia sobre os Índios Cainganges, que, conhecidos pela denominação de Coroados, habitam no território compreendido entre os rios Tibagy e Uruguay” e anuncia em nota de rodapé a existência de publicações prévias: “Esta notícia foi escrita em 1882; encontra-se na Revista da Sociedade de Geographia de Lisboa (no Rio de Janeiro) e na *Chorographia* de S. Paraná”.

Habitualmente, eles são conhecidos sob o nome de coroados, tonsurados, porque cortam seus cabelos como os sacerdotes católicos.¹⁰

Os caingangues afirmam que seus antepassados habitavam as regiões das atuais Castro e Guarapuava, de onde atacavam os habitantes do interior e os transeuntes na estrada do Rio Grande do Sul. Eles queriam opor-se à população de Guarapuava, atacaram eles inicialmente, entretanto foram repelidos e perderam, depois que a povoamento tornou-se maior, muitos homens em um grande combate; depois dessa perda retornaram ao seu antigo sistema, ao tomar de assalto de modo traiçoeiro os habitantes desprevenidos de Palmas e Guarapuava;¹¹ apesar disso, amargaram frequentemente grandes perdas e as represálias dos moradores, unidos aos caciques Condã e Very,¹² foram-lhes sempre funestas. Em 1856 e 1857, a gente do último¹³ os atacou em seus povoados às margens do rio Piquiry, matou-lhes muitos guerreiros, tomaram prisioneiros e queimaram seus ranchos.

Desanimados por essas e outras derrotas, uma grande parte deles procurou obter a amizade dos brasileiros e se apresentaram na colônia militar de Jathahy em 1858, onde, naquele tempo, o major reformado Thomas José Muniz era diretor; este tratou-os bem e acedeu aos seus desejos de paz.

O governo procurou os alocar em S. Jeronymo e S. Pedro Alcantará; em S. Jeronymo vivem ainda hoje muitos deles, pacífica e industriosos, graças aos esforços do padre Luiz de Cemitile; os de S. Pedro Alcantará, depois de irritar-se com as diversas missões,¹⁴ mudaram-se e hoje vivem pacificamente nos vales do Tibagy e Ivahy. Aqueles que ainda não foram subjugados,¹⁵ ainda que eles não exerçam mais assaltos, vivem de modo nômade nas florestas do Piquiry, do baixo Ivahy e Iguassú.

Quando Borba visitou em 1876 o Piquiry, teve a oportunidade de conhecer seus arranchamentos mais de perto. Nessa oportunidade, ele pôde fazer

¹⁰ Os três últimos parágrafos não se encontram presentes na versão de *Actualidade*. Esta versão inicia-se apenas no parágrafo seguinte sob a seção “Histórico”.

¹¹ *Sociedade*, *Chorographia* e *Actualidade* registram ainda na sequência: “como os descuidados tropeiros”.

¹² *Chorographia* e *Actualidade* registram a versão alternativa “Condã e Viry”. Vale observar que a grafia “Condã” adotada por *Globus* deve-se muito provavelmente ao modo como o acento está registrado em *Sociedade*, o qual não permite identificar facilmente de que acento gráfico se trata.

¹³ *Actualidade* explicita que se refere ao cacique Viry nessa oração.

¹⁴ Há aqui alguma diferença entre as versões. *Sociedade* e *Chorographia* afirmam que os indígenas se irritaram com “o respectivo missionário” (presumidamente Luiz de Cemitile), ao invés de falar de “diversas missões”. *Actualidade* traz ainda outra informação: “Os de São Pedro de Alcantara, desgostosos do procedimento de especulação que com eles tem Frei Timotheo de Castel-nuovo [...]”.

¹⁵ O texto alemão fala de “subjugados” (*unterworfen*) enquanto os textos brasileiros falam de “domesticados”.

com que 25 deles viessem para Jathahy, onde ele os presenteou com algumas facas, mostardas¹⁶ e machados, ao que eles retornaram contentes aos seus ranchos.¹⁷ Esses índios são de pequena estatura,¹⁸ traços faciais rudes, bem proporcionados, porém feios, bem nutridos, as mulheres com grandes seios; a cabeça é grande, a testa curta, os olhos pequenos e oblíquos, as bochechas muito salientes; orelhas pequenas, nariz pequeno e um pouco chato, boca grande, lábios carnudos, dentes grandes e bem formados, pescoço curto, mãos e pés pequenos e dedos magros. Homens e mulheres raspam todos os cabelos do corpo, inclusive os das sobrancelhas e pestanas; eles portam os cabelos tonsurados como os monges, com um grande pedaço careca no meio.¹⁹

As mulheres são cobertas com uma tanga, que elas produzem com um tecido fabricado por elas mesmas da fibra de um tipo de urtiga grande. Os homens andam nus, porém quase todos tem um tipo de grande vestimenta, a qual eles chamam *curú-cuchá*, igualmente produzido de fibras de urtiga; com essa vestimenta, eles dançam durante suas festas e cobrem-se nas noites frias.²⁰

Os caingangues vivem em bandos de 50 a 100 ou mais indivíduos sob a direção de um cacique, cujo poder, no entanto, é quase nulo. Apenas por meio de persuasão e brandura, sobretudo por meio de presentes, o cacique consegue obter alguma influência sobre seus companheiros;²¹ porém, no momento em que ele não pode mais valer-se desses meios de domínio, ele fica isolado lá e abandonado por todos, mesmo seus filhos e parentes afastam-se dele e procuram para si um chefe mais generoso e menos despótico.

Enquanto os caciques são em sua maioria aqueles que mais trabalham, eles são pois também os que menos possuem, pois é costume entre essa gente que eles jamais têm o direito de recusar algo que se pede deles, e uma das maiores ofensas que se podem direcionar a eles é quando se os chama de avarentos.²²

¹⁶ Aqui parece haver um estranho erro de tradução na versão alemã. Nos textos escritos em português, Borba falava de “foices” (em alemão: *Sicheln*), não de “mostardas” (na forma do dativo plural alemão: *Senfen*).

¹⁷ *Chorographia* inicia nesse ponto a seção “Aspecto Físico”, que, a propósito, só foi aberta nessa versão.

¹⁸ *Sociedade* não menciona a estatura dos caingangues, enquanto *Chorographia* e *Actualidade* mencionam uma estatura “regular”, ao invés de “pequena” (*klein*) registrada em *Globus*. Todas as demais versões também mencionam que os caingangues são “de cor baça”.

¹⁹ *Chorographia* e *Actualidade* iniciam logo a seguir a seção “Vestuário”.

²⁰ A seguir abre-se em *Chorographia* e *Actualidade* a seção “Sistema Social”.

²¹ *Sociedade* e *Chorographia* complementam ainda que essa influência (ou ascendente) sobre os companheiros significa “guardá-los em sua companhia”. *Actualidade*, no mesmo sentido, diz: “conservá-los em seus toldos”.

²² *Sociedade* e *Chorographia* acrescentam ainda o termo “dei” como o correspondente caingangue de “avarento” ou “pouco liberal”. *Actualidade*, por seu turno, usa o termo “*deicamá*”.

É um povo de grande sentimento de independência e muito orgulhoso; eles não obedecem a ninguém; apenas por meio de presentes e boas palavras pode-se chegar a que eles executem qualquer serviço.²³ Seus conceitos religiosos são muito poucos;²⁴ eles reconhecem apenas um ente bom, o qual eles chamam de Tupem; este os leva a uma outra vida, a uma terra de fartura, com farta caça, onde eles vivem sem precisar trabalhar, caçando apenas grande antas (*Tapir*),²⁵ as quais recebem suas flechas, sem que eles tenham necessidade de persegui-las pelas florestas.²⁶ Alguns deles, que são enganadores espertos, fingem que através do sonhos estão em ligação com Tupem, o qual os prevê por esse meio tempo bom ou ruim, mostra-os a oportunidade de caçadas bem sucedidas etc. Esses são na maioria das vezes antigos caciques, que se valem desse meio para não serem abandonados por seus companheiros.²⁷

Os caingangues têm a visão, o olfato e a audição muito apurados. Eles enxergam a distâncias muito grandes e nada é mais fácil para eles do que seguir na mata as pistas da fera, do inimigo ou de seus amigos. Pelo olfato, ele reconhecem a aproximação de uma cobra ou outro animal perigoso. De modo mais rigoroso possível, eles escutam e distinguem o pisar brando e traiçoeiro do tigre.²⁸

Como os demais índios, os caingangues não têm nenhuma habitação fixa;²⁹ eles alteram sua residência quase todos os anos, de acordo com o esgotamento de seus meios de subsistência. Quando eles encontram uma área rica em animais selvagens e mel, eles constroem ranchos de 25 até 30³⁰ metros de folhas de palmeiras sem quaisquer divisórias; nas duas pontas são deixadas pequenas aberturas, através das quais um homem agachado pode entrar de modo

²³ *Chorographia* aqui a seção “Crença” e *Actualidade* a seção “Crença Sobrenatural”.

²⁴ A última oração é exclusiva de *Globus*.

²⁵ A palavra “anta” aparece no texto alemão tal como se escreve em português, todavia, somente em *Globus* é seguida pela palavra alemã “*Tapir*”, cujo significado é precisamente “anta”. Segundo a versão online do dicionário Duden, o vocábulo “*Tapir*” tem origem no tupi “*tapira*” e chegou ao alemão por intermédio do francês (cf. “TAPIR”. In: *Duden*. Disponível em <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Tapir>>. Acesso em 12/01/2017).

²⁶ Apenas *Actualidade* traz ainda a seguinte informação: “isto dá-se em relação às almas dos valentes; as dos covardes ficam morando na terra, alimentam-se com minhocas e arrebata as almas das crianças para viverem com elas na terra; estas almas, – *vaecopri*, são muito temidas pelas mães dos recém-nascidos”.

²⁷ *Chorographia* e *Actualidade* iniciam a seguir a seção “Sentidos”.

²⁸ *Chorographia* inicia aqui a seção “Habitação” e *Actualidade* a seção “Habitações”.

²⁹ *Chorographia* é ainda mais incisiva do que *Sociedade* e *Globus* ao generalizar a ideia de que nenhuma etnia indígena teria habitação fixa: “Como todos os índios, não têm os Caingangs habitação permanente”. *Actualidade* apenas omite essa generalização: “Não têm habitação permanente”.

³⁰ O texto de *Chorographia* diverge um pouco, informando que os ranchos teriam de “25 a 37 metros”.

justo. No interior cada família acende seu próprio fogo. Homens, mulheres e crianças dormem caoticamente em cima de cascas de árvore espalhadas pelo chão, os pés virados para o fogo. Eles nunca limpam seus ranchos; quando eles estão sujos e cheios de pulgas, eles os queimam e constroem novos para si.³¹

Eles possuem bem poucos apetrechos; esses limitam-se a uma panela (*cócran*), um machado de pedra (*béng*), um pequeno pilão de arroz (*creié*), cuja mó é feita de pedra (*crá*),³² uma peneira, um cesto (*quênhe*), algumas abóboras cortadas que servem de pratos (*rumiá*),³³ e pequenas lascas de pederneira (*toi*), que encontram emprego como instrumento de corte. Aqueles que moram perto das vilas brasileiras, utilizam já alguns apetrechos dos brancos.³⁴

Suas armas consistem no arco (*ui*), flechas (*dou*) e uma lança (*uruq'ur'u*), tudo muito bem trabalhado em madeira muito dura. As pontas das flechas são feitas de ossos de macaco,³⁵ eventualmente até mesmo de ferro. Quando eles executam um assalto traiçoeiro qualquer, servem-se de fortes cacetes de madeira, os quais eles abandonam junto aos mortos. Os que vivem em S. Pedro de Alcântará já usam armas de fogo, que o missionário Diretor lhes vende;³⁶ eles são atiradores excepcionais e, tanto com flechas quanto com a espingarda, raramente erram o alvo.³⁷

Para a caça, reúnem-se 10 ou 20 homens e perseguem, acompanhados por um grande número de cães magros, a pista da fera, até chegar próximos a ela; quando eles a encaram e ela foge, soltam os cães e acompanham a caçada com grande gritaria, até que tenham alcançado e matado a fera. Quando se trata de uma grande fera, por exemplo, uma anta (Tapir),³⁸ então retiram as entranhas, as quais dão com o sangue aos cães, e põem a fera na água até o dia seguinte, então trazem-na para seus ranchos e assam-na da seguinte maneira: cavam um buraco no chão do tamanho da fera, enchem-no com muita madeira e acendem; colocam pedras sobre as brasas e adicionam sobre elas

³¹ A seguir inicia-se em *Chorographia* e *Actualidade* a seção “Utensílios”.

³² O texto de *Actualidade* não menciona o termo “*crá*” e constrói a referência ao material da mó de forma mais aberta: “cuja mó geralmente é de pedra”.

³³ A expressão “abóboras cortadas” (*durchschnittene Kürbisse*) tenta levar para a língua alemã o que nos textos brasileiros são “cuias, porungos ou cabaças”.

³⁴ A seguir, *Chorographia* dá abertura à seção “Armamento” e *Actualidade* inicia a seção “Armas”.

³⁵ Os textos em português mencionam de modo mais preciso “ossos de macacos e bugios” ou “ossos de macaco e bugio”.

³⁶ A informação de que o missionário diretor vende armas aos índios é omitida em *Chorographia*.

³⁷ Encontramos na sequência a seção “Modo de caçar”, em *Chorographia*, ou “Caçadas”, em *Actualidade*.

³⁸ Em lugar do vocábulo alemão “*Tapir*”, *Actualidade* apresenta a palavra caingangue correspondente a “*anta*”, ou seja, “*oyoro*”. *Sociedade e Chorographia* não apresentam nenhuma desses esclarecimentos.

novamente muito madeira; Quando esta estiver em brasa, envolvem o animal com a pele em folhas de palmeira, botam-no sobre o carvão e cobrem a cova com terra. No dia seguinte, desencavam a carne, que então está magnificamente assada e não necessita de nenhum tipo de tempero para ser devorada como uma deliciosa refeição. Uma pequena fera é consumida imediatamente, após ser assada sobre a brasa ou em pequenos espetos; em certas ocasiões, eles também cozinham-na, depois que estiver previamente um pouco defumada.³⁹ Eles capturam pássaros em choças ou com varas de cola.⁴⁰ Eles alimentam-se também de peixes, que eles capturam em *parys*; estes são redes de taquara suficientes para passar de um lado a outro do rio, no qual eles submergem um cesto de taquara que eles enchem de frutas plantadas para esse propósito, feijão, painço,⁴¹ abóbora e mel.⁴²

Na alimentação eles são muito glutões; eles comem sempre que podem, entretanto, se eles não tem muito, ficam satisfeitos com pouco e então comem frequentemente apenas um bocado. Eles sentam-se todos juntos para comer em posição acorada e comem com os dedos ou com um pedacinho

³⁹ Nos textos em português “moqueada”.

⁴⁰ Em alemão – com uma grafia já antiquada – “*Leimruthen*”. Nos textos brasileiros encontramos, em lugar das varas de cola, uma descrição da captura de pássaros bem diferente. Lá, Borba escreve que eles são obtidos “com laços na ponta de pequenas varas, laçando-os pelo pescoço”. Uma *Leimrute* consiste em uma vara embebida com algum material adesivo que, conseqüentemente, cola as patas dos pássaros que pousam nela, permitindo sua captura (cf. “LEIMRUTE”. In: *Duden*. Disponível em <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Leimrute>>. Acesso em 12/01/2017). Logo após esse parágrafo, *Chorographia* e *Actualidade* começam a seção “Alimentação”.

⁴¹ Por algum motivo, a tradução alemã optou por verter a palavra portuguesa “milho” por “*Hirse*”, i.e. “painço” ou “milhete” (cf. “HIRSE”. In: *Duden*. Disponível em <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Hirse>>. Acesso em 12/01/2017). Nas versões em português encontramos sempre o termo “milho”, onde aqui se encontra “painço”. O vocábulo alemão para “milho” seria, todavia, “*Mais*” (cf. “MAIS”. In: *Duden*. Disponível em <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Mais>>. Acesso em 12/01/2017), cuja penetração na língua alemã data do século XVI, já sendo bastante empregada em meados dos século XIX, quando da tradução do artigo de Borba (cf. PFEIFER, Wolfgang. “*Mais*”. In: *Etymologisches Wörterbuch des Deutschen*, digitalisierte und aufbereitete Ausgabe basierend auf der 2., im Akademie-Verlag 1993 erschienenen Auflage. Disponível em <<https://www.dwds.de/wb/Mais#et-1>>. Acesso em 12/01/2017).

⁴² *Sociedade* e *Globus* descrevem essa passagem de modo bastante distinto de *Chorographia* e *Actualidade*. Compare: “Alimentam-se também de peixe que apanham em *parys*, cerca feita de um ao outro lado do rio, dentro da qual mergulham um grande cesto de taquara, contendo mel, frutas e também milho, abóboras e feijão, que por acaso plantam” (*Sociedade*); “Alimentam-se também com peixes, que apanham em *parys*, mel, frutas, e com algum milho, abóboras e feijão, que por acaso plantam” (*Chorographia*); “Alimentam-se de peixes, que apanham em seus *parys*, mel, frutas, caça, para apanhar a qual são destríssimos e grandes corredores no mato; de algum milho, abóbora e feijão que por acaso plantam” (*Actualidade*). Em *Sociedade* e *Globus*, o autor dá a entender que os demais alimentos servem de isca para a pesca, enquanto, nas edições posteriores, os alimentos são mencionados como algo que os caingangues comem diretamente, nada falando sobre as iscas da pescaria.

de madeira ou de taquara. Após a refeição, eles limpam as mãos nos cabelos e vão logo depois ao rio, para limpar o corpo inteiro.

Como a vida selvagem é muito abundante na região a habitada por eles, eles comem apenas a carne daqueles animais que melhor agradam seu paladar, como carne de anta (*oyôro*), macaco (*caiôre*), porco do mato (*creng*) e tatu (*okxa*).⁴³ Não gostam da carne de veado e muitos outros animais.⁴⁴ Eles desfrutam também de muitas ervas da floresta, em especial uma urtiga grande⁴⁵ e uma espécie de alga ou musgo com ramos muito finos, as quais se encontram nas pedras nas enseadas de rio.⁴⁶

Os cainganges praticam poliginia,⁴⁷ entretanto geralmente não tomam para si mais do que quatro a seis mulheres, e estas costumemente da mesma família.⁴⁸ Os homens não se casam antes dos 18 a 20 anos; quando eles encontram uma menina ou uma jovem garota que os agrada, então requerem-na junto ao pai e fazem um pequeno presente. Quando ele aceita o pedido, então o noivo junta-se à família da noiva; sendo a noiva já adulta, então ela logo passa a pertencer a ele sem demais cerimônias, contudo, quando a noiva ainda é criança, o noivo deve fazer para o sogro todos os serviços necessário na caça, roça, rachar lenha etc., até que a noiva tenha 10 a 12 anos de idade. A partir daí, ou ele fica na família do sogro ou ele toma a mulher consigo e procura uma outra família, o que porém raramente acontece. É muito raro que um homem

⁴³O texto alemão omite a menção a “bugio (*góng*)” e “quatis (*xê*)”. Além disso, *Globus* nos fala de tatu (em alemão: *Gürteltier*), ao passo que os textos originariamente escritos em português falam de tateto, cuja tradução ao alemão poderia ser tanto *Pekari* quanto *Nabelschwein*.

⁴⁴*Sociedade*, *Chorographia* e *Actualidade* acrescentam a informação de que os cainganges também não gostam de pacas e cutias. *Actualidade* traz ainda os nomes cainganges para esses animais: *carubé* (veados), *cocamé* (pacas) e *quexóngue* (cutias).

⁴⁵Os textos brasileiros adicionam ainda nesse ponto “*coraguatás*” (*Sociedade*), “*coraquatás*” (*Chorographia*) ou “*coragoatá*” (*Actualidade*).

⁴⁶*Flußeinbuchtungen*. Ao invés de enseadas, os textos em português mencionam “cachoeiras dos grandes rios”. Afora isso, vale notar também que esse é o trecho do texto que mais apresenta divergências de formulação entre *Actualidade* e as demais versões. Embora as informações sejam basicamente as mesmas, os três parágrafos sobre a alimentação foram escritos no texto brasileiro em uma ordenação bastante diferente. Logo a seguir inicia-se uma nova seção em *Chorographia* (“Casamento”) e *Actualidade* (“Casamentos”).

⁴⁷As versões em língua portuguesa empregam o termo mais genérico de poligamia, embora a continuação do texto dá a bem entender que se trata mais especificamente de poliginia. A versão alemão é mais clara nesse ponto e fala diretamente de *Vielweiberei* (poliginia).

⁴⁸*Sociedade* complementa o texto com a seguinte informação: “[...] quase sempre da mesma família: razão pela qual julgo não haver muitas brigas e questões no seio do lar doméstico”. *Chorographia* traz no mesmo sentido: “[...] quase sempre da mesma família, razão pela qual julgo não haverem muitas brigas no seu lar doméstico”. *Actualidade* é ainda mais descritivo: “[...] quase sempre da mesma família. Não casam com as filhas dos irmãos, que consideram como suas, preferindo, entretanto, as filhas das irmãs para suas esposas; julgo ser este o motivo de tão poucas brigas e resingas no lar doméstico deles”.

abandone sua mulher; as mulheres, todavia, quando são crescidas, vão-se mais frequentemente para procurar um outro companheiro para si. Nesse caso, elas se escondem de seis a oito dias na mata; se o homem as encontrar nos primeiros dias e o amante não é valente, ele recebe certamente um sova de pau correspondente e a infiel retorna ao lar por ela abandonado; para ela não há outras consequências, além de que o homem ainda é mais carinhoso com ela.⁴⁹ Quando as mulheres sentem que o seu parto está próximo,⁵⁰ vão com uma amiga à floresta; logo depois do parto, vão com o recém-nascido para a água e lavam a criança e a si mesmas, então encaminham-se novamente a seu rancho, onde elas retomam seu trabalho habitual novamente, como se nada tivesse acontecido.

Os homens tratam suas mulheres com grande suavidade; eles estão sempre juntos com elas e os filhos e discutem seus negócios com elas.⁵¹ Com os filhos são excepcionalmente carinhosos, eles nunca ralham com eles ou os castigam. O resultado desse amor insensato é que as crianças demonstram pouco respeito a seus pais [*Eltern*]; Borba mesmo viu que elas maltratam seus pais [*Väter*]⁵² com paus. As mães carregam sempre as crianças pequenas nas costas, uma faixa⁵³ ao redor da cabeça para as manter firmes, embrulhado no manto (*curú*); elas as amamentam até os segundo ou quarto anos, geralmente até que elas tenham um outro filho.⁵⁴

Adoecendo alguém da tribo, eles o sentam próximo a um fogo e esfregam-no com o sumo de diversas ervas e plantas;⁵⁵ se o doente piorar, então todos se juntam perto dele, as mulheres começam a chorar e os homens dizem-lhe que não deve morrer ainda, pois eles queriam o tratar bem e lhe dar muitos presentes. Quando eles porém percebem que não há mais socorro para ele, prometem-lhe que o enterrarão com um novo manto, um bonito arco, flechas e colar de conchas e cuidarão de suas mulheres e filhos. Se ele morre, é posto imediatamente em posição deitada com manto, arco, flechas

⁴⁹ A partir deste ponto inicia-se a seção “Partos” em *Actualidade*.

⁵⁰ Todas as versões, exceto *Globus*, explicitam que esse procedimento de parto ocorre “se é de dia”.

⁵¹ O texto alemão é ambíguo e não deixa claro se os homens consultam “suas mulheres” ou “suas mulheres e seus filhos” em seus negócios. Todas as demais versões são claras nesse ponto: eles consultam as mulheres.

⁵² O material alemão, ao empregar o termo “*Väter*”, optou por deixar claro que trata-se dos pais homens e não de pais enquanto o conjunto masculino e feminino “pai e mãe”, cuja forma alemã seria “*Eltern*”.

⁵³ Os textos brasileiros mencionam “uma lasca de embira”, ao invés de “faixa”.

⁵⁴ *Chorographia* abre uma seção intitulada “Medicina”. *Actualidade* abre por sua vez a seção “Medicina e Enterros”.

⁵⁵ Apenas *Actualidade* possui ainda a seguinte continuação: “se têm alguma dor local, passam sobre a parte uma larga embira que apertam envolvendo a parte dolorida”.

e machado em uma cova rasa forrada com madeira; seus parentes preparam vinho e convidam os vizinhos a enterrá-lo, o que eles também fazem, trazendo terra em cestos e derramando-a sobre o morto, até que tenha se formado um monte mortuário na forma de uma pirâmide de 4 a 6 metros de altura e 6 a 8 metros de base.⁵⁶

Depois do encerramento desse serviço afetivo, todos dirigem-se ao rancho do falecido, onde bebem e cantam sentados.⁵⁷ Tão logo eles começam a ficar animados, levantam-se cantando e dançam ao ritmo de um tipo de címbalo⁵⁸ (Xü) em volta de um grande fogo. Assim eles continuam, ora sentados, ora em pé, sempre a cantar e beber, até que o vinho tenha acabado, então vão ao rio se lavar e depois dormem. As mulheres, crianças, mães e irmãos⁵⁹ choram a perda do morto ainda por muitos dias. Cadáveres de crianças não são enterrados sob montes mortuários em forma de pirâmide, sendo apenas sepultados em terra rasa.⁶⁰ Os instrumentos musicais dos caingangues, se se pode descrever esses objetos como tais, os quais quase dão apenas sons desarmônicos e discordantes, são: uma corneta curvada de madeira⁶¹ ou taquara (*oaquerê*), uma flauta de taquara (*coquê*), um tipo de címbalo⁶² (Xü), apitos de taquara e um instrumento de taquara fina com uma cabeça⁶³ furada na extremidade, o qual eles chamam *otorerê*.⁶⁴

⁵⁶ A expressão “monte mortuário na forma de pirâmide” surge apenas em *Globus*. Todos os demais textos falam em termos da formação de uma “pirâmide cônica”. A informação das dimensões dessa pirâmide diverge em *Actualidade*, cujos dados apontam à altura de somente “dois a quatro metros”; a dimensão da base, contudo, permanece de “seis a oito metros”.

⁵⁷ O texto de *Actualidade* é mais completo neste ponto, pois especifica que se bebe o “*quiqui*” e se cantam “as ações do morto”.

⁵⁸ De acordo com os textos originalmente escritos em português, a expressão “um tipo de címbalo” corresponde ao “maracá”.

⁵⁹ Aqui encontra-se uma possível imprecisão da tradução alemã. O vocábulo empregado para “irmãos” é “*Geschwister*”, cujo significado refere-se indistintamente a “irmãs” (mulheres) e “irmãos” (homens). Porém, os textos em português falam de modo mais restrito apenas de “irmãs”, cuja tradução ao alemão seria mais precisamente “*Schwestern*”.

⁶⁰ Apenas *Actualidade* complementa ainda o texto com a informação que os caingangues “não fazem festa” após os enterros de crianças. Na sequência iniciam-se a seção “Instrumentos de Música” em *Chorographia* e a seção “Instrumentos Musicais” em *Actualidade*.

⁶¹ Os três textos brasileiros falam “de chifre de boi”, onde a versão alemã fala “de madeira” (“*aus Holz*”).

⁶² Maracá.

⁶³ *Sociedade*, *Globus* e *Chorographia* utilizam “cabeça”; “*Kopfe*” no caso do texto alemão. Contudo, em *Actualidade* encontramos a palavra “cabaça”.

⁶⁴ *Chorographia* e *Actualidade* apresentam nesse ponto a seção “Hospitalidade”.

Quanto à hospitalidade, eles observam os seguintes costumes. Quando um forasteiro⁶⁵ vêm a um assentamento de sua tribo, ele procura se esconder no lugar onde os habitantes normalmente buscam sua água, até que ele veja um parente ou conhecido qualquer; então ele aparece e conta quem ele é. O que ouve então comunica isso aos outros, os quais se preparam para receber o visitante. O parente mais próximo deita-se sobre a terra, cobre a face com o manto (*curú*) e sua mulher prepara a comida.⁶⁶ A visita entra sem dizer uma palavra e sem cumprimentar ninguém e deita-se ao lado daquele que já está deitado com a face coberta. A mulher coloca então a comida pronta em frente a ambos e diz ao seu marido, que ele poderia comer com seu parente vindo de longe. O marido senta-se e convida o outro a comer com ele. Depois de comer, o visitante conta de onde ele vem, o que aconteceu em sua casa e o que ele viu e vivenciou na viagem. Se o visitante tiver relatado a morte de um parente qualquer, isso é motivo de grande lamento para as mulheres, e entre muitos gritos e fortes rios de lágrimas procuram consolá-lo. Costumeiramente são executadas, junto a essas visitas, suas festas de *goio-fa* (veja abaixo).

Os caingangues são muito generosos com tudo o que eles tem em sua habitação; a primeira coisa que eles fazem quando alguém os visita é perguntar se está com fome; nos dias de fartura, eles não perguntam, ao invés disso colocam diante dele a comida sem dizer nada.⁶⁷ Não negam comida a ninguém e mesmo quando tem somente pouca comida, dividem esse pouco com os famintos.⁶⁸

Os caingangues sabem produzir dois tipos de bebidas fermentadas, cujo principal ingrediente é o painço (*nhára*); a bebida preparada apenas com painço e água é chamada de *goio-fa*, sendo adicionada à mesma ainda mel de abelhas, então chama-se *quequi*. Para a preparação do *goio-fa*, eles socam o painço, despejam em grandes vasos de madeira com bastante água morna e deixa-a muitos dias perto do fogo com frequentes mexidas; depois de completada a fermentação, a bebida está pronta. Os vizinhos, sempre dispostos a aparecer, são convidados, então bebem, dançam e cantam dia e noite, até que estejam bêbados e o vinho tenha acabado. O *goio-fa* é azedo, amargo e, ao

⁶⁵ “Fremder”, em alemão. Nos textos em português, Borba nos fala mais diretamente de visitante indígena (em suas palavras, um “selvagem”), não de um forasteiro genérico, como dá a entender o texto alemão.

⁶⁶ *Actualidade* porta ainda a continuação “e espera”.

⁶⁷ Os textos em português informam, em sentido um pouco distinto, que nos dias de fartura os caingangues colocam a comida diante da pessoa e dizem: “coma” (“a-có” ou “acó”).

⁶⁸ Aqui iniciam-se a seção “Bebidas” (*Chorographia*) e “Modos de Preparar suas Bebidas Fermentadas” (*Actualidade*).

paladar civilizado,⁶⁹ de gosto ruim; o *quequi*, que é, como dito acima, o *goio-fa* misturado com mel de abelhas, tem gosto melhor, porém embriaga mais facilmente.

Quando os caingangues têm suas bebedeiras, não comem nada, vomitam frequentemente e então voltam a beber, até cair. Quando um dos participantes da festa começa a gritar bêbado e incomodar os demais, então é levado pelas mulheres e tem os pés e mãos amarrados até que se acalme.

Eles fabricam ainda outra bebida do painço, um tipo de mingau ralo, ao qual chamam *goio-cupri*, água branca. Para produzi-la, submetem o painço a uma torra leve, colocando-o em cestos misturado com brasa e agitam-nos no ar; depois o painço é moído e posto em grandes vasos de argila (*cocrèn*), esses são colocados próximo ao fogo⁷⁰ e preenchidos com água; no dia seguinte, algumas mulheres velhas recolhem o painço, o mascam devagar e cospem o mascado novamente nos vasos de argila. Depois de 24 horas, a bebida está pronta,⁷¹ a qual, segundo declaração dos caingangues, é muito saborosa e forte.⁷²

Para o preparo de roças, eles escolhem lugares não muito frondosos, derrubam as árvores jovens e, então, as incendiam.⁷³ O trabalho no campo é realizado pelas mulheres; elas servem-se de pás de madeira, com o que fazem pequenos buracos, nos quais sementes umedecidas com saliva são colocadas. Não costumam estocar alimentos; quando têm necessidade de algo, buscam na roça. Fazem grandes bolos⁷⁴ de painço fresco e seco, os quais são embrulhados nas folhas do *caeti*, assados na cinza, são muito saborosos e conservam-se por longo tempo; na maioria das vezes, isso é sua alimentação durante viagens.

Quando os caingangues viajam, não têm pressa; para eles, viajar e caçar são o mesmo. Onde encontram rastros de animais na viagem, perseguem a fera até a terem abatido e comido.

⁶⁹ A expressão “ao paladar civilizado” é exclusiva de *Globus. Sociedade* e *Chorographia* grafam “ao nosso paladar”. *Actualidade* suprime completamente essa especificação.

⁷⁰ Duas versões, *Sociedade* e *Chorographia*, explicitam que se trata de um “fogo brando”. *Actualidade*, em contrapartida, descreve um “fogo grande”.

⁷¹ Mais do que apontar que a bebida está “pronta” depois de 24 horas, Borba nos afirma, nas versões brasileiras, que os caingangues “bebem” o *goio-cupri* assim que termina seu preparo.

⁷² *Chorographia* e *Actualidade* abrem nesse ponto a seção “Roças”.

⁷³ Os textos em língua portuguesa acrescentam ainda que as árvores são quebradas “a pau” (*Sociedade*) ou com o uso de “cacetes” (*Chorographia* e *Actualidade*). Todos esses textos também nos informam que, a seguir, os caingangues esperavam o mato secar antes de o incendiar.

⁷⁴ *Actualidade* traz ainda o nome desses bolos em língua caingangue: “*emin*”.

No trabalho, eles são muito indolentes; na fartura trabalham raramente, apenas nas primeiras horas da manhã, antes do sol começar a ficar muito quente;⁷⁵ eles utilizam o resto do dia para dormir, a tarde para passear. Apesar de habitarem uma área rica em rios, não entendem nada de navegação e não sabem sequer construir canoas. Eles gostam muito de banhar-se, porém são pouco nadadores.⁷⁶

Como enfeites e ornatos, tem em ocasiões festivas um tipo de camisa (*craninim*) sem mangas e totalmente aberta,⁷⁷ que chega a suas coxas; bonitas coroas de penas multicoloridas (*arangretára*), seus grandes mantos (curú-cucha), grandes colares de conchas brancas ou dentes de macaco.⁷⁸ Alguns jogam sobre si um monte de pequenas penas quando transpiram, as quais ficam penduradas na cara e no corpo; a maioria pinta o corpo inteiro de preto⁷⁹ e se julgam bonitos e vistosos.⁸⁰

Como exercício físico, eles têm um jogo, o qual chamam de *caingire* (jogo ou divertimento dos paus); este está mais, na verdade, para um verdadeiro combate, embora os ferimentos recebidos aqui não ocasionem nenhuma inimizade. Eles preparam um grande terreiro livre para isso e cortam um monte de cacetes curtos e grossos, os quais eles depositam nas duas extremidades do terreiro; então eles convidam os habitantes de um outro arranchamento para esse divertimento; esses sempre⁸¹ aceitam o convite, cortam para si igualmente um monte de cacetes e, trazendo os mesmos, aproximam-se cautelosamente do terreiro designado para o jogo; tão logo eles chegam, os outros se posicionam para o combate; então, arremessam-se mutuamente os

⁷⁵O texto de *Sociedade* e *Globus* dão a entender que o trabalho apenas nas primeiras horas do dia diz respeito ao tempo de fartura. O texto de *Chorographia* e *Actualidade*, ao contrário, dão a entender que há dias em que os índios não exerceriam o trabalho nem mesmo nesses horários, mesmo em tempos nos quais não houvesse fartura.

⁷⁶Logo a seguir, *Chorographia* inicia a seção “Enfeites” e *Actualidade* a seção “Enfeites e Ornatos”. Curiosamente, as duas últimas frases aparecem em *Actualidade* apenas no final do texto – inexplicavelmente na seção “Língua” – e um pouco modificadas. São, com efeito, as últimas três frases do texto e possuem a seguinte formulação: “Nada entendem de navegação. Não sabem construir canoas. São pouco nadadores”.

⁷⁷Em lugar de qualificar as camisas como “abertas” (*offen*), *Sociedade*, *Chorographia* e *Actualidade* mencionam que elas são “apertadas”.

⁷⁸Ao invés de “dentes de macaco” (*Affenzähnen*), *Sociedade* e *Chorographia* usam o dado mais específico “dentes de bugio”, enquanto *Actualidade* traz a informação mais genérica “dentes de animais”.

⁷⁹*Actualidade* esclarece que o corpo é pintado “com carvão”.

⁸⁰Borba acresce em *Actualidade* uma nota de rodapé neste ponto com a seguinte informação: “Usam como enfeite e também para preservá-los dos espinhos e mordeduras de cobra, uns cordões finos, feitos de casca de cipó *onbê*, que lhes envolvem as pernas do tornozelo ao meio destas e daí para cima até a curva”. *Chorographia* e *Actualidade* abrem aqui a seção “Jogos e Divertimentos”.

⁸¹Por alguma razão, *Actualidade* omite a ideia de que o convite é “sempre” aceito.

cacetes sob grande gritaria, até que um dos grupos abandona o terreiro sob grandes gritos de escárnio dos opositores. As mulheres, cobertas com um tipo de escudo de casca de árvore, juntam os cacetes arremessados e os colocam ao lado de seus combatentes; quando um dos homens é ferido severamente, levam-no e procuram curá-lo. Nessas oportunidades há sempre severas feridas, olhos vazados, dedos esmagados, etc. Contudo, nada perturba a amizade entre ambos os partidos; esses que sob as circunstâncias mais desfavoráveis combatiam e mais foram maltratados, são vistos como os mais corajosos e dignos de elogios (*turumanim*).⁸² Esse combate é por vezes executado também à noite e chama-se então *pingire*; nesse caso, os cacetes são acessos em uma ponta e acrescenta-se aos demais ferimentos ainda queimaduras.⁸³ Todos os seus jogos são rudes e grosseiros.⁸⁴

Os caingangues são comunicativos, alegres, curiosos, amam muito conhecer coisas desconhecidas por eles, aprendem com facilidade o que lhes é mostrado, todavia são pouco perseverantes em trabalhos intelectuais; eles cumprem raramente o que prometem e não se envergonham em absoluto com sua quebra-de-palavra.⁸⁵ Para trazê-los à obediência e ao respeito, é necessário que se lhes dê uma prova de superioridade física; então eles ficam tão submissos e dóceis quanto antes eles eram insolentes e presunçosos. É costume que os parentes exijam compensação ou pagamento para um maltrato físico provocado a um dos seus; nesse caso, dá-se a eles ou um pequeno presente qualquer, ou paga-se lhes na mesma moeda que os parentes, em ambos os casos, eles vão embora tranquilos e satisfeitos e usam a primeira oportunidade favorável que lhes é oferecida para se vingar.⁸⁶

⁸² Neste ponto, *Globus* omite uma passagem que se encontra em todos as demais versões, sem alterações significativas entre si: “Aconselhando-lhes que abandonassem estes maus divertimentos, disse-me uma índia velha: ‘Você não quer que minha gente continue com este brinquedo; porém nós hoje não temos mais guerras com vocês para nos exercitarmos; sem este brinquedo nossos homens tornar-se-ão fracos e medrosos como mulheres, o que não convém, porque no mato ainda há gente brava que nos pode atacar e a vocês. Se não estivermos exercitados como nos defenderemos? E, ademais, este divertimento, que você vê hoje, no meu tempo era próprio de crianças; os homens tinham outros mais sérios, porque sempre havia neles alguma morte; mas por essa causa nunca se brigou e sempre fazíamos o enterro como amigos” (*Sociedade*).

⁸³ Mais uma vez, *Globus* suprime uma passagem presente nas três outras publicações, também sem grandes diferenças entre si: “Exercitam-se desde pequenos na luta corporal; o que derruba um, tem de suportar a prova de todos os outros que queriam lutar, até que exausto de forças sucumba a seu turno” (*Sociedade*).

⁸⁴ Tem início aqui a seção “Caráter Moral” em *Actualidade*.

⁸⁵ Os textos brasileiros prosseguem ainda com a informação de que os caingangues sentem prazer “dos logros que pregam”.

⁸⁶ *Chorographia* dá lugar aqui à seção “Dialeto”, ao passo que *Actualidade* abre a seção “Língua”.

Sua língua é muito gutural e não é em nada parecida à língua dos guarani.⁸⁷ Eles não pronunciam o l e o r forte;⁸⁸ das palavras, que Borba conhece de sua língua, duas são da língua guarani (*pira* = peixe e *piraju* = peixe-dourado⁸⁹) e uma terceira (*kifé* = faca) é parecida com *kice* no guarani.⁹⁰ O j é pronunciado como o jota espanhol. É a opinião de quase todos os autores, que escreveram sobre as línguas dos selvagens brasileiros, que faltam-lhes completamente algumas letras, assim o r forte, l e z. Borba também era até há pouco dessa opinião; depois que ele teve a oportunidade, todavia, de conhecer alguns selvagens do tronco dos chavantes, os quais vivem nos Campos Novos da província de S. Paulo, ele se convenceu que essa falta de letras não é assim sem exceções;⁹¹ Na língua chavante encontra-se o r, l e z, o último sendo pronunciado como o th inglês.⁹²

Artigo recebido para publicação em 25/01/2017

Artigo aprovado para publicação em 11/05/2017

⁸⁷ O nome da etnia encontra-se aqui no singular em concordância com o texto alemão, que também grafia o termo no singular (*Guarani*), em contraste com “caingangues” (*Caingangs*) que aparece com um -s designativo de plural. Não está clara a razão pela qual aquele que verteu o texto para o alemão não manteve a uniformidade nesse quesito. Em *Sociedade, Chorographia e Actualidade* encontramos a expressão ligeiramente diferente “língua guarani”.

⁸⁸ *Actualidade* acresce ainda o “z”.

⁸⁹ Em alemão “*Goldfisch*”. *Sociedade e Chorographia* traduzem *piraju* por “dourado, peixe”. A tradução alemã pode causar certa confusão. O vocábulo alemão “*Goldfisch*” refere-se mais precisamente àquele que também é conhecido como “peixinho-dourado” (*Carassius auratus*; cf. “GOLDFISCH”. In: *Duden*. Disponível em <<http://www.duden.de/rechtschreibung/Goldfisch>>. Acesso em 12/01/2017). No entanto, Borba parece pensar em outra espécie de peixe, o “dourado” (*Salminus brasiliensis*).

⁹⁰ O texto de *Actualidade* termina nesse ponto. O texto de *Chorographia* informa ainda o seguinte: “O Coronel Telêmaco Borba publicou um interessante vocabulário do dialeto caingangue, muito citado pelo Visconde de Taunay, em trabalho idêntico, publicado em outubro de 1888, no suplemento do tomo LI da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*”. *Sociedade* registra uma quebra de seção neste ponto e dá início à seção “II. Pequeno Vocabulário da Língua dos *Caingangs* ou *Coroados*”, que possui aproximadamente 5 páginas com os verbetes em português e em caingangue. Logo a seguir, *Sociedade* começa uma outra seção do texto, sob o título “III. Aditamento”, que contém as informações que se apresentam a seguir em *Globus*.

⁹¹ *Sociedade* informa ainda que o encontro com os xavantes data a 1878 e ocorreu mais especificamente na comarca de Botucatu.

⁹² O texto de *Sociedade* ainda traz as seguintes informações: “É verdade que esta língua discorda completamente da língua geral dos nossos selvagens, e os chavantes até no físico nada se parecem com as outras nações indígenas que conheço. Para facilitar algum estudo etnográfico que, por ventura, alguém queira empreender, junto a esta notícia mais o seguinte pequeno vocabulário das línguas *Cayguá* (que é a mesma guarani com pouca diferença) e *Chavante*. Nesta última o r forte é muito gutural, o j soa como no espanhol e o th como no inglês”; a seguir, Borba apresenta aproximadamente 4 páginas de termos em “Portuguez”, “Cayguá” e “Chavante”. Essas informações se encontram também em *Actualidade*, porém espalhadas pelo restante do livro.